REVISTA FILOTEOLÓGICA
REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FEIRA DE SANTANA

A analítica existenciária do sentido do ser e o conceito de morte em Martin Heidegger

The existential analytical of the meaning of being and the concept of death in Martin Heidegger

Alan Rodrigo Padilha

Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR)

alan.padilha@ifpr.edu.br

http://lattes.cnpq.br/6577978470743460

Resumo

O constructo do conceito existenciário do "ser-para-a-morte" tem como estrutura fundamental a constituição de uma analítica-ontológica. Essa analítica tem como pressuposto inicial a questão mais primordial de toda a história da filosofia, a saber, pelo sentido geral do ser. É nessa trilha que Heidegger desenvolve em Ser e Tempo a temática da analítica existenciária da qual se pode compreender a relação do ser do ente como possibilidade dos modos de ser do Dasein. Esses modos de ser são expressos em termos ontológicos no sentido de "ser-no-mundo" que é sempre um "ser-com" e um "ser-em", num todo articulado entre o "interior-do-mundo" e a "mundidade do mundo", considerando a perspectiva de um "poder-ser" de totalidade, enquanto possibilidade de "ser-para-o-final". A destacada contribuição da analítica-ontológica heideggeriana amparada pelos conceitos existenciários de cotidianidade, presença, temporalidade, espacialidade permite a compreensão da possibilidade de "ser-um-todo" como ser para a morte..

Palavras-chave: Ser-no-mundo. Temporalidade. Ser-um-todo. Ser-para-morte.

Abstract

The construct of the existential concept of "being-for-death" has as its fundamental structure the constitution of an ontological-analytic. This analysis has as its initial presupposition the most primordial question in the entire history of philosophy, namely, the general sense of being. It is in this path that Heidegger develops in Being and Time the thematic of existential analytics, from which one can understand the relationship of the

being of the entity as a possibility of Dasein's ways of being. These ways of being are expressed in ontological terms in the sense of "being-in-the-world" which is always a "being-with" and a "being-in", in a whole articulated between the "interior-of-the-world" and the “world of the world”, considering the perspective of a “can-be” of totality, as a possibility of “being-for-the-end”. The outstanding contribution of Heidegger's analytic-ontology, supported by the existential concepts of daily life, presence, temporality, spatiality, allows us to understand the possibility of “being-a-whole” as a being for death.

Keywords: Being-in-the-world. Temporality. Being-a-whole. Be-to-death

1 O sentido ontológico do ser-no-mundo

O “ser-no-mundo” como presença e temporalidade coloca em relevo fenomênico as possibilidades dos modos de ser. Em *Ser e Tempo,* Heidegger abre a caracterização fenomênica do “ser-no-mundo”, a partir da ideia de “mundidade” que se anuncia, enquanto “espacialidade” do ente no “interior-do-mundo” e do *Dasein* no espaço, enquanto “mundidade” e interpretação do mundo. Para compreender a dinâmica do ente e a “mundidade”, é indispensável tomar o método fenomenológico de investigação e por ele se guiar, tal como fica evidente pela explicação heideggeriana sobre a conformidade a mundo do “mundo-ambiente” no ente “do-interior-do-mundo”. O mundo determina de tal modo o ente do “interior-do-mundo” que este só pode “vir-de-encontro” e o ente descoberto só pode se mostrar em seu ser na medida em que “se dá” no mundo” (HEIDEGGER, 2012). Considera-se pertinente e descortina-se ao longo da analítica existenciária o “ser-no-mundo” como “presença” e “temporalidade” dado a “mundidade” e interpretação do mundo. É justamente a condição ôntica de possibilidade dos modos de ser do *Dasein* como constitutiva de sua estrutura a “significatividade aberta a uma totalidade de conjuntação” do “ser-no-mundo” como elemento ontológico.

> A fenomenologia é o modo-de-acesso ao que deve se tornar tema da ontologia por determinação demonstrativa. A ontologia só é possível como fenomenologia. O conceito fenomenológico de fenômeno designa, como o que se mostra, o ser do ente, seu sentido, suas modificações e derivados. E o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer, nem também como algo assim como o aparecer. O ser do ente é o que menos pode ser concebido como algo “atrás” do qual ainda haveria algo que “não aparece” (HEIDEGGER, 2012, p.123).

O ser ele mesmo corresponde ao que concebemos como existência de modo a desenvolver-se por sua autodeterminação que se efetua na possibilidade decisiva de ser em si mesma ou a de não ser em si, dado que a existência só pode ser esclarecida por seu existir em si mesmo como entendimento existencial, no entanto, a analítica heideggeriana não tem interesse por um entendimento existencial, mas existenciário como tarefa ôntica do *Dasein*, o qual postula a constituição de uma ideia geral do

ser, por isso, implica a elaboração da questão pelo sentido geral do ser que só pode ser realizado pela analítica existenciária do *Dasein*, a ontologia fundamental.

> O Dasein não é um ente que só sobrevenha entre outros entes. Ao contrário, ele é onticamente assinalado, pois para esse ente está em jogo em seu ser ele mesmo. Mas também inerente a essa constituição-de-ser do Dasein que, em seu ser, o Dasein tenha uma relação-de-ser com esse ser. E isso por sua vez significa: o Dasein, de algum modo e mais ou menos expressamente, entende-se em seu ser. É próprio desse ente, com seu ser e por seu ser, o estar aberto para ele mesmo. O entendimento-do-ser é ele mesmo uma determinidade-do-ser do Dasein. O ôntico ser assinalado do Dasein reside em que ele é ontológico (HEIDEGGER, 2012, p.59).

É por meio da analítica do *Dasein* que se encontra o sentido do ser do ente que "se dá" no horizonte aberto da interpretação do ser ele mesmo, a analítica existenciária estrutura-se pela conjunção expressiva da ideia de temporalidade e espacialidade e, é dessa forma que Heidegger dá a conhecer em sua ontologia fundamental, o ser como temporalidade e presença, "ser é tempo" e tempo presente, isto é, estrutural do *Dasein* "que-entende-ser", muito embora o modo temporalidade não dê resposta definitiva sobre o sentido geral do ser, ao menos nos prepara para a "obtenção dessa resposta", assim como assinala, Heidegger, no entanto, por outro lado temos o conceito de espacialidade essencial ao *Dasein* no sentido de que o espaço constitui mundo e encontra-se numa conexão ontológica do ente do interior-do-mundo com o mundo. E, é a partir do modo temporalidade e espacialidade que a analítica heideggeriana emprega a problemática central de toda sua ontologia, a questão sobre o sentido mais primordial do ser, contudo, é evidente a preocupação heideggeriana de tornar viável uma analítica do *Dasein* que se constitua de maneira incompleta e provisória com vista a "preparar a mais originária interpretação do ser" que somente seria possível colocando em liberdade essa interpretação, libertando a analítica sobre um embasamento propriamente ontológico.

> A pergunta pelo sentido do ser é a mais universal e a mais vazia; mas, ao mesmo tempo, ela contém a possibilidade de sua mais extrema individualização no Dasein que cada vez a faz. Para a obtenção do conceito fundamental "ser" e do prévio delineamento da conceituação ontológica por ela requerida e de suas necessárias modificações, um fio condutor se faz necessário. A universalidade do conceito de ser não colide com a "especialidade" da investigação, isto é, com o fato de avançar para ele no caminho de uma interpretação especial de um ente determinado, o Dasein, na qual se deve obter o horizonte do entendimento e a possível interpretação de ser (HEIDEGGER, 2012, p.133).

A questão primeira pelo sentido do ser é posta por Heidegger a partir do conceito de *Dasein* em seu estatuto ontológico – temporalmente pelo seu "modo-próprio" ele mesmo, no sentido do "ser-em-o-mundo"; "ser-com"; "ser-si-mesmo"; "ser-em como tal", além do sentido existenciário do

Dasein como preocupação. Para Heidegger, a essência do ser do ente que "entende-ser" reside em seu "ter-de-ser" que indica um modo próprio, a existência, que não pode ser confundida como subsistência, mas tem de ter claro, a existência como um modo ser possível a ente e nada mais, deixando as impressões da cotidianidade e do falatório, bem como as impressões psicologistas para pensar o modo que indica a compreensão de existência pela "determinação de sentido de ser como" "παρουσία" ou como "Ουσία", o que ontológico-temporalmente quer dizer" "presença". "O ente é apreendido em seu ser como presença, a saber, é entendido em referência a um determinado modus do tempo –" "o presente" (HEIDEGGER, 2012).

Ao tratar do ser enquanto modo de ser no espaço, Heidegger apresenta o *Dasein* em o ambiental do "mundo-ambiente" e sua espacialidade, essa delimitação é definida pelo filósofo como "ser-dentro" dado que "um ente ele mesmo extenso é cingido pelos limites extenso de um extenso", isto quer dizer, que o "ente de-dentro" e "o-que-cinge" são ambos subsistentes no espaço" (HEIDEGGER,2012). Trata-se, portanto de compreender que o ente "do-interior-do-mundo" está presente de maneira igual no mundo e de forma ontologicamente conectada com o mundo e por isso, o espaço é considerado do ponto de visto do "ser-no-mundo" como constituinte estruturante de mundo, entre o ambiental em seu correspectivo do mundo-ambiente caracterizado pela mundidade do mundo. A análise da espacialidade do *Dasein*, enquanto "ser do interior-do-mundo" no espaço, é empregado a partir da análise do utilizável, e este por sua vez é classificado em "três graus, a espacialidade do utilizável do-interior-do-mundo; a especialidade do-ser-no-mundo e a espacialidade do *Dasein* e o espaço" (HEIDEGGER, 2012, p.299). Embora, sendo um vocabulário peculiar seu sentido mostra-se acessível se considerarmos a ontologia como fenomenologia, assim visando colocar luz à construção ontológica posta, indicamos pelo método fenomenológico que não há objeto sem sujeito cognoscível e nem sujeito sem objeto de cognoscibilidade e que ambos estão encerrados em espacialidade e temporalidade, embora um "entende-ser" e outro apenas "tem-de-ser", este último é objeto de análise no sentido da utilidade ao *Dasein* no espaço do qual Heidegger trata como proximidade instrumental, conforme expressado abaixo:

> O utilizável do trato cotidiano tem o caráter do próximo [*Nähe*, perto]. Bem considerada, a proximidade do instrumento já é significada no termo que, em alemão, expressa o seu ser, "*Zuhandenheit*" [ser à mão]. O ente "para mão" tem, cada vez, uma proximidade diversa, que não pode ser estabelecida por medida de distâncias. Esse estar-perto se regula pelo manejo e pelo emprego "calculado" do ver-ao-redor. O ver-ao-redor do ocupar-se fixa o que desse modo está perto e, ao mesmo tempo, quanto a direção em que o instrumento é acessível em cada momento (HEIDEGGER,2012, p.301).

Para o filósofo alemão o instrumental tem seu lugar próprio ou sua espacialidade no "estar-aí" ou no "ali" ou mesmo numa região "ver-ao-redor" no sentido de aproximação e afastamento para qual se orienta e atende a demanda do-interior-do-mundo como utilizável, esses lugares tornam-se indicadores de ocupação do *Dasein* em sua mundidade específica e em seu mundo individual que descobre em seu espaço sua espacialidade e presença.

> O espaço despedaçou-se em lugares próprios. Mas essa espacialidade tem sua própria unidade mediante a totalidade-da-conjuntação conforme-ao-mundo do utilizável espacial. O "mundo-ambiente" não se insere em um espaço já dado, mas sua mundidade específica articula, em sua significatividade, a conexão-de-conjuntação cada vez própria a uma totalidade de lugares próprios designado pelo ver-ao-redor. Cada mundo individual descobre cada vez a espacialidade do espaço que lhe pertence. Fazer que o utilizável venha de encontro cada vez em seu espaço do mundo-ambiente só pertence onticamente possível porque o Dasein é ele mesmo "espacial" quanto a seu ser-no-mundo (HEIDEGGER,2012, p.305).

A compreensão do *Dasein* como espacialidade nada tem a ver com subsistência em determinado lugar geográfico nem de sua utilizabilidade, mas com os seus modos de ser que vem do encontro no "interior-do-mundo", tomando o *Dasein* como "ser-em" ou como "ser-com" no sentido de que este ente é ocupado como ente de encontro, e por isso é "ser-em-no-mundo" no encontro do "interior-do-mundo".

> No fenômeno do espaço não podem ser encontradas nem a única determinidade ontológica do ser do ente do-interior-do-mundo, nem também a determinidade que é primária em relação às outras. Menos ainda o espaço que constitui o fenômeno do mundo. O espaço só pode ser concebido em referência ao fenômeno do mundo. O espaço não se torna acessível unicamente pela desmundificação do mundo-ambiente, a espacialidade só pode ser descoberta em geral sobre o fundamento de mundo e isto de modo que o espaço constitua, no entanto, o mundo, em correspondência com a essencial espacialidade do Dasein ele mesmo quanto a sua constituição fundamental do ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2012, p.329).

A questão heideggeriana sobre o sentido do ser foi extensamente guiada a partir do conceito do Dasein e este por sua vez entendido como o ente em sua constituição ontológica e ôntica que se trata de um eu mesmo, do "sujeito", do si mesmo no sentido de *subjectum* em meio a multiplicidade de alteridades possíveis que expressa a indeterminação do ser implicando sempre a questão de qual é o sentido geral de ser, ou seja, um modo de ser do ente em sua estrutura existenciária. Dessa perspectiva existenciária se desenvolveu a ideia do *Dasein* enquanto ser do ente que se relaciona com e no mundo.

2 O sentido da angústia no "ser-aí" como preocupação

O ser enquanto tal no sentido de "ser-no-mundo" e ser-com se estrutura como um fenômeno originário do ser do *Dasein* considerada como modo concreto do conhecimento do mundo e direção de um olhar fenomenológico sobre o conhecer da totalidade estrutural do "ser-no-mundo" e para a compreensão do ser originário do *Dasein*, ele mesmo, como preocupação. Por isso é necessário entender o que significa o "ser-aí", isto é, um ente que sendo ser-no-mundo em suas relações de ser junto ao mundo como ocupação e de "ser-com", enquanto preocupação, e do "ser-si-mesmo" como "interior-de-mundo" e "mundidade". "Ser-aí" significa o ser do ente que é dado a existência constituição do *Dasein* que significa abertura de constituição de mundo.

> A constituição desse ser posta em relevo. Mas na medida em que a essência desse ente é a existência, a proposição existenciária " o *Dasein* é sua abertura" significa ao mesmo tempo: o ser que para esse ente está em jogo em seu ser é ter de ser seu "aí". Afora a caracterização primária do ser da abertura é necessária, consoante a tendência da análise, interpretar o modo-de-ser em que esse ente é cotidianamente seu "aí" (HEIDEGGER,2012, p.381).

A constituição existenciário do "ser-aí" tem como um dos modus, o medo como encontrar-se, o entender e a interpretação como modus de anunciação e interpretação, discurso e linguagem, tais constituintes não são propriedades, apenas modo existenciário essencial dos modos de ser na cotidianidade. Na analítica do "ser-aí" em relação aos constituintes, Heidegger indica um decair, "cair" da cotidianidade como *modus* existenciário do "aí" expressado pelo conceito de falatório, curiosidade, ambiguidade em virtude do decair da cotidianidade é que encontramos o fenômeno existenciário fundamental com um "ser-móvel" próprio do *Dasein*, isto é, a caracterização do "aí", enquanto capacidade de esquivar-se, conforme explica Heidegger:

> Esse carácter-de-ser do Dasein, encoberto em seu de-onde e em seu para onde, mas em si mesmo tão descoberto, isto é, esse "que ele é", nós chamamos de dejecção [*Geworfenheit*, ser-dejectado] desse ente em seu "aí". A expressão "dejecção" deve significar a factualidade da entrega à responsabilidade. O "que é e tem de ser" aberto no encontrar-se do *Dasein* não é aquele "que" exprime a factualidade categorial, ontologicamente pertinente a subsistência, a qual só é acessível numa constatação visual. Ao contrário, o que é aberto no encontrar-se tem de ser concebido como determinidade existenciária do ente que é no modo do ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2012, p.387).

Além da caracterização de "dejecção" como modo fundamental de abertura do *Dasein* em esquivar-se, ela mesma do "ser-no-mundo", há uma outra caracterização do "ser-do-ente" que contribui para o conhecimento da "mundidade" do mundo que "vem-de-encontro" ao que há no "interior-do-mundo", essa abertura do mundo pertence ao "ser-em" como encontrar-se

existenciariamente a abertura do *Dasein* para o mundo. Esse encontrar-se do *Dasein* tem como significado ontológico-existenciário, a angústia, tal fenômeno é mais concretamente entendido como um modo determinado, a saber, do medo. O fenômeno do medo é um ente que sempre vem ao encontro no "interior-do-mundo", o temível pode ser entendido como nocividade e como insegurança que se apresenta no sentido de uma eminente ameaça, mas ao mesmo tempo abre-se como uma possibilidade de encontrar-se do *Dasein*.

> O ter medo, como latente possibilidade do ser-no-mundo se encontrado, o "ser-medroso", abriu o mundo de tal maneira que a partir dele algo como o temível pode ficar mais perto. O poder-ficar-mais-perto ele mesmo é posto-em-liberdade pela essencial espacialidade existenciária do ser-no-mundo. O medo abre o Dasein predominante de modo privativo. Ele confunde e faz "perder a cabeça". Mas o medo, ao fazer ver, fecha ao mesmo tempo o ser-em que periga, de tal sorte que, passando o medo, o Dasein deve reencontrar-se (HEIDEGGER, 2012, p.403).

Heidegger destaca em *Ser e Tempo* que o "ser-no-mundo" é uma unidade estrutural de um todo constante, porém, esta unidade do todo é um fenômeno de multiplicidade dos "modos-de-ser", que constitui-se na analítica existenciária como existenciariedade e factualidade do *Dasein*. Isto é, a caracterização do ser do ente colocado diante do "si-como-abertura" de um "para-si-em" numa variação de "ser-no-mundo" em sua cotidianidade mediana, circunscrita ao decair e dejecção de modo que decaindo e dejectando, abre-se e projeta-se, tais fenômenos implicam no entendimento a "totalidade-do-ser", cuja descoberta está diretamente relacionada ao carácter existenciário da angústia como "possibilidade-de-ser" do próprio *Dasein*, que aparece como fenômeno do "encontrar-se-ser" tendo como ponto de partida a decadência, "cair" no sentido de limite caracterizado pelo medo do "ser-no-mundo", do "ser em" ou ainda do "ser-com" de tal modo que se pode identificar esse fenômeno como preocupação, assim, os demais fenômenos como vontade, o desejo, a inclinação e o impulso é derivado desse primeiro, portanto, o fenômeno preocupação é o ser do ente do próprio *Dasein*.

> A angústia manifesta no Dasein o ser para o poder-se mais próprio, isto é, o ser livre para a liberdade do-a-si-mesmo-se-escolher e se-possuir. A angústia põe o Dasein diante do seu ser livre para… (*propensio in…*), a propriedade do seu ser como possibilidade que ele sempre já é. Mas esse ser é ao mesmo tempo aquele que o Dasein está entregue como ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2012, pp.525-527).

Assim a angústia como determinação do "ser-no-mundo" e de "ser-junto-ao-mundo" se caracteriza na ocupação e no encontrar-se em sua estrutura fundamental, de modo que não se pode jamais subtrair à angústia. No entanto, quando isso ocorre, segundo Mondin (1980, p. 308) "tenta-se

esconder e rejeitar o caráter próprio do seu ser, isto é, a sua sujeição à morte" O conceito de angústia é caracterizado como medo justificado pela ausência de uma analítica existenciária, e em razão da ignorância do fenômeno do "encontrar-se-do-ser" fazendo da angústia uma causa inapropriada e estranha de si mesmo, entregando sua função ontológico-existenciário ao fenômeno da cotidianidade mediana que não pode "entender-mundo" e a "totalidade-de-ser", como preocupação puramente ontológica.

> O existir factual do Dasein não é somente em geral e indiferentemente dejectado no poder-ser-no-mundo, mas já está sempre também absorvido no mundo da ocupação. Nesse ser cadente junto a… se anuncia, expressamente ou não, entendido ou não, o fugir diante do estranhamento que no mais das vezes permanece encoberto pela angústia latente, porque a publicidade de a-gente reprime toda a não-familiaridade. No ser adiantado-em-relação-a-si-em-um-mundo está essencialmente concluído o ser que decai junto ao utilizável do interior-do-mundo. Portanto, a totalidade existenciária do todo estrutural ontológico do Dasein deve ser formalmente apreendida na seguinte estrutura: o ser do Dasein significa: ser-adiantado-em relação-a-si-em (-o-mundo) como ser-junto- (ao-ente-do-interior-do-mundo que vem-de-encontro). Esse ser preenche a significação do termo preocupação, empregado em sentido puramente ontológico-existenciário. Excluída dessa significação fica, assim, toda tendência-de-ser de preocupação e despreocupação de carácter ôntico (HEIDEGGER, 2012, pp.537-539).

O conceito preocupação tal como apresentado por Heidegger é uma elaboração complexa visto que seus elementos estruturais de uma totalidade-ontológica não podem ser reduzidos ao ôntico e nem ser explicado a nível do ente, mas estruturalmente tratado como uma articulação ôntico-existencialmente no sentido de condição existenciária do "vir-a-ser-livre" da possibilidade de projeto existencial, ou seja, de sua realização e entrega como preocupação ontológico do "ser-aberto" no mundo. O ser do *Dasein* é pertencente a abertura geral, "o ser-no-mundo" e ser junto ao ente "do-interior-do-mundo", a dejecção, "interior-do-mundo" e o "factual", ao projeto, "ser-aberto-ao-poder-ser" e ao decair, "perdido-em-seu-mundo" no falatório, da curiosidade e da ambiguidade.

A cotidianidade do "ser-com" é um ocupar-se do *Dasein* empreendido no sentido do "ser-com-os-outros", para os "outros" e contra os "outros", e desse modo, também, encontra-se preocupado em diferenciar-se dos "outros". Essa relação do "ser-com" dispõe de uma aproximação e de um afastamento do "ser-um-com-o-outro", assim, ou está sujeito aos outros e se perde de seu ser, tornando-se "os outros" como "a-gente" que costumeiramente fazemos uso e que designa neutralidade, não sendo todos e ninguém ao mesmo tempo.

> A-gente tem ela mesma os próprios modos de ser. A referida tendência do ser-com que denominamos distanciamento se funda em que o ser-um-com-outro ocupa uma mediania. Esta é um carácter existenciário de a-gente. Para a-gente o que está

> essencialmente em jogo em seu ser é a mediania do que vai indo, do que é considerada válido ou não, daquilo que a-gente concede ou nega êxito. Essa mediania na prefiguração do que se pode ou é permitido ousar vigia toda exceção que possa sobrevir. Toda precedência é silenciosamente nivelada. Tudo que é original é desbastado em algo de há muito conhecido. Tudo o que foi conquistado na luta passa a ser manuseado. Todo segredo perde sua força. A preocupação da mediania desvenda uma nova tendência essencial do Dasein por nós denominado nivelamento de todas as possibilidades-de-ser (HEIDEGGER, 2012, p.365).

A ideia de "a-gente" é um próprio de cotidianidade do *Dasein* que se estabelece no sentido de uma ausência de autenticidade do "ser-no-mundo" frente a responsabilidade de suas relações visto que esse modo de ser alivia o próprio ser porque não há quem responda pelo "a-gente", isto é, "cada um é o outro e nenhum é ele mesmo". Para Martin Heidegger, ainda que se trate de uma forma de se isentar na cotidianidade mediana, o ente é existenciário, é um modo de "ser-impropriedade", um "não-ser-si-mesmo", esta ausência, porém, não se reduz ao nada, mas constitui-se como um "modo-de-ser", portanto, de um *"ens realissimum"* em conformidade com a realidade do próprio *Dasein.* (Ibid.p.367). A cotidianidade mediana, associado ao decair do *Dasein* circunscrita ao falatório, curiosidade, a ambiguidade entrecruza os modos de interpretar o sentido fundamental e originário pela questão existenciária próprio do "ser do ente" enquanto totalidade estrutural do *Dasein* como um ser para a morte (ibidem. p. 369).

3 O "ser-aí" como ser para a morte

A inquietante questão do "ser-para-morte" como a questão da "angústia" sempre salta a curiosidade da cotidianidade mediana que tem como pressupostos uma noção religiosa e psicologizante sobre a mesma. Entretanto, ao entrar em contato com a filosofia de Martin Heidegger, frustram-se em suas expectativas no sentido de que esse não oferece uma resposta a qual se pretendia, mas passa ao largo de uma perspectiva meramente "metafisica-religiosa" e "psicologista", a respeito da morte para a constituição de uma ontologia-existenciária ocupando-se da questão mais primordial da filosofia, a saber, pela pergunta do sentido de ser. A "analítica-existenciária" do ser enquanto "ser-para-morte", encontra-se amparada numa interpretação existenciária originária sobre o ser do ente como abertura e preocupação, implicando em sua análise a essência do D*asein*, enquanto existência como "ser-no-mundo".

A analítica existenciária sobre o fenômeno da preocupação permitiu a aproximação concreta da existência em sua factualidade pondo em jogo a possibilidade do entendimento do ser inerente ao próprio sentido do *Dasein*. Nesse aspecto, a hermenêutica assume um papel fundamental na interpretação do objeto, "ser-aberto", que por necessidade se dirige à questão ontológica pelo todo

estrutural da unidade originária, ou seja, de uma interpretação existenciária do ser do *Dasein* em sua propriedade e totalidade.

> Surge assim, pois, a tarefa de introduzir no ter prévio o Dasein como um todo. O que significa, porém, desenvolver em primeiro lugar, e de uma vez por todas, a questão desse ente poder-ser-um-todo. Enquanto ele é, há cada vez no Dasein algo que falta que ele pode ser e será. Mas a esse faltante pertence o "final" ele mesmo. O "final" do ser-no-mundo é a morte. Esse final pertence ao poder-ser, isto é, à existência, delimita e determina a totalidade cada vez do possível do Dasein (HEIDEGGER, 2012, p.645).

Para Heidegger, a cotidianidade é entendida como ser "entre" o nascimento e a morte, este ser é por sua essência a própria existência, mas a ele pertence "o final", mas enquanto não se atualiza o "vir-a-ser", dever ser algo de ainda não sendo sua possível propriedade e totalidade.

> Ao mostrar um poder-ser-um-todo-próprio do Dasein, a analítica existenciária se assegura a constituição de um ser originário do Dasein, mas o poder-ser-um-todo se torna visível, ao mesmo tempo, como modus de preocupação. E assim, também é assegurado, pois, o solo fenomênico suficiente para uma interpretação originário do sentido do Dasein. (HEIDEGGER, 2012, p.647).

A observação heideggeriana apontado em *Ser e Tempo* sobre o fundamento ontológico do ser está relacionada a cotidianidade que se expressa como temporalidade e é nesse sentido que o *Dasein* se constitui como um ser histórico que se realiza enquanto projeto de ser no horizonte temporal. " A finitude da temporalidade é a maneira como o futuro torna-se fenômeno" (REIS, 2005, p. 112), ou então, o modo como acontece a passagem da intemporalidade em temporalidade para o "entendimento-de-ser" do *Dasein*, conforme explica Heidegger.

> A clarificação da origem do "tempo" "no qual" vem-de-encontro o ente do-interior-do-mundo, isto é, do tempo como intemporalidade manifesta uma essencial possibilidade-de-temporalização da temporalidade. Funda-se nela o entendimento-de-ser que é constitutivo para o ser do Dasein. O projeto de um sentido de ser em geral pode ser executado no horizonte do tempo (HEIDEGGER, 2012, p.649).

Na analítica existenciária a questão ontológica do "ser-para-morte", é antes de tudo uma questão do "ser-um-todo", colocada como um problema de incompletude o "ser-adiantado-em-relação-a-si" e o seu "poder-ser" que existindo nada tem de si e quando nada mais falta é porque já alcançou o "todo" e por isso é "já-não-ser-aí", ou seja, já não é "ser-no-mundo" trata-se, portanto do aniquilamento total do ser. A problemática da incompletude do ser não se reduz a impossibilidade de

conhecimento uma vez que o *Dasein* é "ser-com-o-outro" e poderá fazer a experiência da morte do outro, de modo que ao findar na morte , o objeto torna-se acessível como totalidade do *Dasein*.

> O Dasein dos outros ao atingir na morte o seu todo, é também um já-não-ser- "aí", no sentido do já não ser-no-mundo. Morrer não significa sair-do-mundo, perder- o ser-no-mundo? Todavia, o já não ser-no-mundo do morto é ainda-entendido em extremo – um ser no sentido do ainda-só-subsistência de uma coisa corporal que vem-de-encontro. No morrer dos outros se pode experimentar o notável fenômeno-de-ser que deve se determinar como mutação de um ente a partir do modo-de-ser do Dasein (ou da vida) em um já-não-ser- "aí". O final do ente que Dasein é o começo desse ente que mero subsistente (HEIDEGGER, 2012, p.659).

Heidegger apresenta a experiência da morte como uma experiência do "ser-com" com o a morte do outro, e ao experimentar esse fenômeno, experimenta as transformações da vida do ente enquanto *Dasein* para o ente enquanto mero subsistente que neste caso "vem-de-encontro" com o objeto corporal ou cadáver subsistente que tem função não apenas como um material sem vida e instrumental, mas também de um não vivo que perdeu a vida que afetou familiares e amigos.

> Em tal ser-com com o morto, o finado ele mesmo já não é factualmente "aí", contudo, o ser-com significa sempre ser-com-um-outro no mesmo mundo. O finado abandonou e deixou para trás o nosso "mundo". A partir desse mundo, os que ficam ainda podem ser com ele. Quanto mais adequada seja a apreensão fenomênica do já não-ser- "aí" do finado, tanto mais claramente se mostra que esse ser-com com o morto não experimenta precisamente o ser-chegado-ao-final próprio do finado. A morte se desvenda sem dúvida como perda, porém mais como uma perda que os sobreviventes experimentam, e no padecer pela perda, não se tem acesso, porém, à perda-do-ser que como tal o que morre "padece". Não experimentamos em seu sentido genuíno o morrer dos outros, mas no máximo só estamos sempre "presentes a" ele (HEIDEGGER, 2012, p.661).

Fica claro que Heidegger compreende a morte como fenômeno iminentemente presente na experiência como a morte de um outro e que não se experimenta o "ser-para-o-fim", ou seja, na experiência da morte não se pode morrer em substituição, porque ninguém pode tirar do outro o seu morrer. Nesse sentido, o caráter ontológico do "ser-para-morte" somente pode ser dado de maneira provisória, visto que é constituído por uma série de modificações, que ocorre de maneira regional, assim, os conceitos de "final" e de "totalidade", deve ser entendido no sentido existenciário para que seja possível mostrar o "findar" como "ser-um-todo", mas enquanto constante de "não-totalidade", como expressão do "ser-para-o-final" como possibilidade de um "ainda-não" do existir que se situe antes do final.

> A análise existenciária da morte é, por sua vez, subordinada a uma caracterização da constituição fundamental do Dasein. Já denominamos o findar do vivo de o cessar de viver. Na medida em que o Dasein também pode findar, sem que propriamente morra e que, de outro lado, *qua* Dasein ele não cessa-de-viver simplesmente, designaremos esse fenômeno intermédio como deixar-de-viver. Mas morrer vale como termo para designar o modo-de-ser em que o Dasein está voltado para sua morte (HEIDEGGER, 2012, p.681).

A análise ontológica do "ser-para-morte" não tem como pressuposto qualquer tomada de posição existencial frente à morte, nenhum regramento de comportamento, portanto, não cabendo a ela qualquer elaboração existencial no sentido de uma psicologia da morte ou de questões referentes à metafísica e suas consequências no âmbito teológico. Na analítica ontológica do "ser-para-o-final", quando Heidegger define a morte como "final" do *Dasein* do "ser-no-mundo" nenhuma determinação decorre desse fenômeno sobre o "depois da morte" no aspecto da imortalidade e de outras especulações decorrentes da cotidianidade mediana, assim a analítica heideggeriana permanece no âmbito puramente do aquém, interpretando o fenômeno como sendo "possibilidade-de-ser" do *Dasein*, tendo unicamente por objetivo a estrutura ontológica do "ser-para-o-final".

> Se a ontologia geral concede privilégio teórico à essência em relação à existência, Heidegger, ao contrário, pensa o Dasein como ente cuja ex-sistência é ontologicamente fundamental, ou seja, é constitutiva da essência: uma existência contingente, temporal, mundana, finita, cujo sentido é ser-para-a-morte (GIACOIA, 2013, p. 63).

Para Heidegger a morte é o fenômeno da vida, aqui entendida como um "modo-de-ser" constitutivo do "ser-no-mundo" caracterizada como um "ser-para-o-final", isto é, o findar como realização ontológica fundamental do "ser-para-morte". Os elementos dessa ontologia existenciária possibilitaram a analítica sobre o faltante, o final e a totalidade do ponto de vista do fenômeno da morte que se traduz no "ser-para-o-fim" como algo iminente para o *Dasein*. Nesse sentido, a angústia diante da morte é o "próprio-poder-ser" do *Dasein* e não confunde com um estado de ânimo, abatimento, medo ou fraqueza, mas é o encontrar-se fundamental enquanto abertura do ser projetado para o seu fim.

> A morte é a possibilidade da pura e simples impossibilidade "de-ser-aí". Assim, a morte se desvenda como a possibilidade mais-própria, irremetente e insuperável. Como tal, a morte é um assinalado iminente, cuja possibilidade existenciária tem seu fundamento em que o Dasein é ele mesmo essencialmente aberto para ele mesmo e o é no modo de ser-adiantado-em-relação-a-si. Esse momento estrutural da preocupação tem no ser para a morte, a sua concretização mais originária (HEIDEGGER, 2012, p.691).

O "ser-para-morte" na cotidianidade mediana do "ser-com-outro" reconhece a morte como algo eminentemente certo do "poder-ser-para-o-final", de fato todos morrem e o fenômeno da morte "vem-de-encontro" no "interior-do-mundo", mas a interpretação pública da morte nos impõe a ideia do "a-gente-morre" e dessa maneira passa a entender a morte como um nivelamento de impropriedade que afeta o Dasein, mas não pertence propriamente a ninguém.

> A-gente justifica e eleva a tentação de se encobrir o ser para a morte mais-próprio. É tão tenaz o domínio que a esquivança encobridora ante a morte exerce sobre a cotidianidade que, no ser-um-com-outro, seus "próximos" ainda se empenham com frequência precisamente junto ao "moribundo" para persuadir de que escapa da morte e retorna em seguida à tranquila cotidianidade do mundo de suas ocupações. Tal "preocupação-com-outro" pensa "consolar" dessa maneira o "moribundo". Ela quer devolvê-lo à existência, ajudando a encobrir ainda mais completamente sua possibilidade de ser mais-propriamente e irremetente. A-gente se ocupa dessa maneira de uma constante tranquilização sobre a morte (HEIDEGGER, 2012, p.699).

O modo de publicidade e falatório caracterizado pelo sentido do "a-gente" altera o significado mais autêntico do ser do ente do *Dasein*, a angústia, e a transforma em medo ante ao "vir-a-ser" da morte. Essa alienação tranquilizadora expressa a fuga do modo mais originário do "poder-ser", enquanto "ser-para-o-final", retirando-lhe o sentido pleno do conceito existenciário da morte como indeterminação insuperável de possibilidade do "poder-ser" do ente para o seu final.

> O ser-para-a-morte se funda na preocupação. Como dejectado ser-no-mundo, O Dasein já é cada vez responsável por sua morte. Sendo para sua morte, ele morre factualmente e sem dúvida constantemente, enquanto não chega o seu deixar-de-viver. Que o Dasein morre factualmente significa ao mesmo tempo que, em seu ser-para-a-morte, ele já decidiu sempre desta ou daquela maneira. A cotidiana esquivança decaída diante da morte é um ser-para-a-morte impróprio. A impropriedade tem por fundamento uma possível propriedade. Impropriedade caracteriza um modo-de-ser em que o Dasein pode situar e no mais das vezes já sempre o situou, mas no qual ele não deve se situar necessária e constantemente. (HEIDEGGER, 2012, p.713).

O projeto existenciário como possibilidade ontológica de um "ser-para-a-morte" como algo próprio do "ser-para-o-final" não pode se caracterizar pelo esquivar-se nem pela fuga do "a-gente", mas deve evidenciar o entendimento sobre a morte no sentido de coragem de enfrentar como a possibilidade mais própria, não relativa e insuperável como um existente ser para a morte.

> A morte é a possibilidade primordial da existência, visto que somente através desta possibilidade existencial tanto a finitude pode ser desvelada quanto o futuro pode ser compreendido em sua propriedade. Esta existência finita é a caracterização positiva

> das possibilidades humanas, ela é o elemento nadificante das possibilidades existenciais (ONATE, 2018, p.32).

Ao assumir o projeto existenciário em seu modo de ser mais próprio, o *Dasein*, assume a singularidade do "ser-aí", que se abre à existência como um projeto autêntico de "ser-no-mundo", sendo pois, necessário levar em consideração "[…] a superação da experiência da não verdade reinterpretando a facticidade de mundo a partir de novos projetos de sentidos alinhados à maneira própria de ser-no-mundo existir" (KAHLMEYER-MERTENS, 2015). Esse modo de ser mais próprio significa, afastar de si a possibilidade de ser, no sentido de "a-gente" em que há manifestadamente a ausência, o estranhamento e alienação do sentido do "ser-para-o-final" para assumir a constituição existenciária de "ser-um-todo" que realiza na temporalidade os modos de ser, mediados em um espaço fenomênico de cotidianidade que expressa a partir do entendimento de "ser-finito", como um modo mais originário da própria existência.

Referências

GIACOIA JR., Oswaldo. Heidegger urgente– *Introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

KAHLMEYER-MERTENS, Roberto S. *10 lições sobre Heidegger*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MONDIN, Batista. *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

ONATE, Neusa Maria Rudek. *A finitude do Dasein e a temporalidade originária*. UNIOESTE (Toledo), v. 10, p. 23-35, 2018.

REIS, Robson Ramos. "Heidegger: origem e finitude do tempo". In: *Dois pontos*, 2005, pp. 99-126.

Recebido: 17/08/2021

Aceito: 20/11/2021